

Cruzeiro Costa Leste 2008

Acordei logo cedo, lá pelas sete da manhã, do dia 13 de julho de 2008, mas inacreditavelmente bem disposto. É que às 9:30, eu e meu pai, pegaríamos um ônibus para Angra dos Reis, onde embarcaremos para o Cruzeiro Costa Leste 2008, um rally náutico que vai do Rio de Janeiro a Salvador num período de um mês.

Assim, pegamos o “busão” e, depois de quatro horas (morrendo de tédio!) de viagem, chegamos à rodoviária de Angra, que fica ao lado da marina Piratas, onde fica o barco que iremos tripular. Tal barco é o veleiro Redboy, um Fast 395, barco veloz, grande e confortável, mastreado em *cutter*, ou seja, com duas velas na proa.

Ao chegar no barco, reencontramos o comandante Mario e conhecemos seu filho/xará/tripulante, também chamado Mario (por questões óbvias, tratarei este último como “Marinho”).

Os dois são muito legais e creio que a convivência a bordo vai ser “dez”. Logo começamos a trabalhar: abastecemos o barco com diesel (60 litros em bujões, afora os 120 do tanque do Redboy) e alimentos. Logo após, tomamos um banho quente e fomos jantar na pizzaria do supermercado. Às nove da noite, zarpamos rumo ao Rio de Janeiro. Após safarmos as ilhas e lajes da baía de Angra, lá pelas 11 da noite, fui descansar.

Rio de Janeiro – Cidade Maravilhosa

Chegando ao Rio de Janeiro, depois de uma travessia de 15 horas sem problemas, ajeitamos a documentação do barco e logo começamos a curtir a viagem. O Redboy ficou no Iate Clube do Rio de Janeiro, que tem uma boa estrutura e é simplesmente enorme, contando com piscina, restaurante, parquinho, vagas em seco para veleiros e até um cinema próprio! Tudo isso logo embaixo do Pão-de-Açúcar e com uma ótima vista do Cristo Redentor! Obviamente, não poderíamos de deixar de fazer esses passeios, então lá fomos nós.

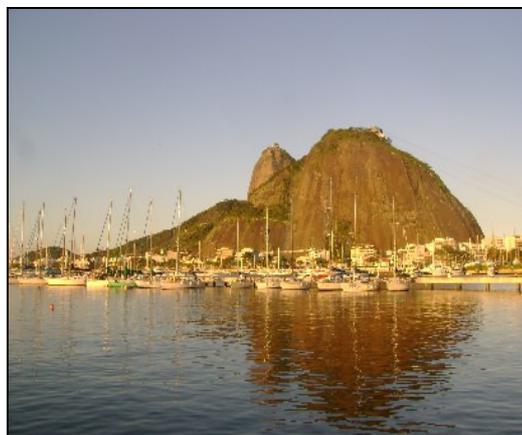
No Pão-de-Açúcar correu tudo muito bem. Pegamos o bondinho e logo estávamos no morro da Urca, anexo ao Pão-de-Açúcar. Para quem nunca esteve no Rio, o bondinho é feito totalmente de vidro, com vigas de aço apenas na estrutura, assim tem-se uma visão incrível da cidade.

Da Urca subimos para o Pão-de-Açúcar. Eu já havia feito esse passeio outra vez, porém não deixei de me extasiar com a vista, que é o ponto alto do passeio.

Já no Cristo Redentor a história foi outra. Chegando de ônibus ao pé do Corcovado, tínhamos duas opções: podíamos pegar um trenzinho, que ia direto ao Cristo (36 reais “por cabeça”) ou um carro de uma cooperativa que cobrava 30 reais “por cabeça”. Tudo caríssimo! Conseguimos que um táxi fizesse o passeio por 20 “por cabeça”, porém havia outro empecilho: os táxis só iam até um certo ponto, onde tínhamos que pegar uma *van* (mais 13 reais!) para subir dois quilômetros até o Cristo! Bom, de qualquer jeito, fomos até lá e conseguimos apreciar o monumento e a vista de 360 graus da “Cidade Maravilhosa”.

A partida do Cruzeiro, com **cinquenta** barcos, foi um espetáculo à parte. Os barcos entraram enfileirados na “piscina” de desembarque do clube, às oito da noite, sob fogos de artifício e a música da banda da Escola Naval, com cobertura da Globo e tudo!

Depois que o Redboy, com a tripulação toda vestida de pirata (inclusive eu!), deu o seu “showzinho”, zarpamos para Búzios, deixando para trás o Rio de Janeiro, cidade maravilhosa.



Búzios – Praias Lindas, Altas Farras

Mais uma calma travessia a motor, cujo fato mais marcante foi o avistamento, a no máximo cem metros do barco, de uma baleia, que nos acompanhou por pouco tempo. Em quinze horas no mar, havíamos chegado em Búzios, que eu considero uma Ilhabela carioca. Para começar, tem praias bonitas e altos preços nos estabelecimentos, porém basta procurar um pouco para achar comida boa e barata. Isso sem falar nas outras equivalências entre os dois lugares, como a Rua das Pedras, que parece a Rua do Meio de Ilhabela. Búzios tem até uma semana de vela também!

Fomos a várias praias e passeamos muito por lá. Houve uma boa festa no iate clube e curtimos bastante.

Em um dos últimos dias, alugamos um buggy para passear nas praias mais distantes, porém estas estavam com água um tanto turva, além de bastante lotadas. Conhecemos uma praia que tem a areia vermelha viva, coisa que eu nunca tinha visto. Uma coisa engraçada de Búzios é que todos os vendedores falam conosco em castelhano, pois há muitos turistas argentinos lá.



Outro “causo” foi a construção improvisada de um “bote à vela”. Simplesmente peguei o bote do Redboy, amarrei um remo na vertical, coloquei o outro na popa como um leme e preendi uma toalha no “remo/mastro”!

Depois de passar um tempo lá em Búzios, só com o vento nordeste na cara, a previsão mostrou uma janela de tempo para cruzarmos o Cabo São Tomé, rumo a Vitória. E lá fomos nós de novo!

São Tomé – Vento Finalmente!

A travessia do São Tomé é um ponto crítico para quem sobe a costa. Muitos velejadores já chegaram até ali e voltaram. Também, não é para menos: o cabo tem um banco de areia que se estende várias milhas mar adentro, um regime de ventos geralmente fortes e “na cara” e, para completar, um intenso tráfego de navios e pesqueiros, que têm o péssimo hábito de passar próximo (ou algumas vezes por cima!) de barcos à vela desatentos. Bem, dessa vez a travessia foi tranqüila: uma motorada no começo, seguida de uma deliciosa velejada com vento em popa rasa, chegando a 33 nós (60 quilômetros por hora) e ondas de até 2 metros e meio, com direito a avistamento de baleias. Chegamos em Vitória depois de 36 horas de viagem, cansados, mas felizes.

Vitória – Hospitalidade Capixaba

Em Vitória nos sentimos “em casa” o tempo todo. O Iate Clube do Espírito Santo nos acolheu muito bem e foram feitos diversos passeios, como o do Convento, uma construção de 1581, com um vista fenomenal. Como o ônibus não passava no portal, tivemos que ir a pé até o convento, que ficava no topo do morro. Como reza a lei de Murphy, escolhemos o pior caminho, a “ladeira da penitência”, mas no fim a vista compensou o esforço. Outro *point* da cidade é a feirinha que ocorre, aos sábados e domingos, ao lado do Iate Clube. Tem 378 expositores, dos quais 99 são barracas de comida. Vale a pena conferir.

Isso sem contar a *paella* gigante oferecido pelo clube, enorme e deliciosa!



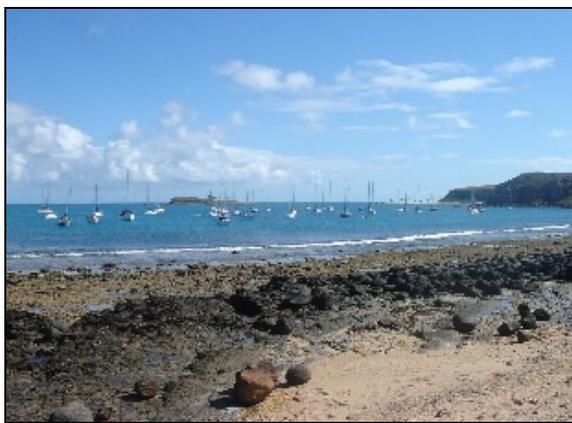
No clube foram realizadas várias palestras e eu fiz dois veleirinhos de sucata para correr regatas na piscina. Nos dois últimos dias houve regatas, a primeira da classe oceano, na qual eu corri (inclusive com direito a primeiro lugar!) como “secretário” no Delta 32 Fram II. Foi uma

regatinha bem dura, com vento nordeste de uns 15 a 20 nós e ondas altas. Mas no fim foi tudo bem.

A segunda regata eu disputei, junto com a Luciana do veleiro Makai, na classe Dingue, com um quinto lugar, boa posição considerando que não conhecíamos a raia e o vento estava tão forte quanto no dia anterior. Despedimos-nos de Vitória numa madrugada de vento sul forte, rumo a Abrolhos.

Abrolhos – Água Caribenha, Jeitinho Brasileiro

Chegamos a Abrolhos de manhãzinha, depois de uma boa travessia (de trinta horas), com direito a várias baleias, que aumentaram muito de número chegando perto do arquipélago. Para qualquer lado que se olhava, era só questão de esperar um pouco e aparecia uma baleia, pulando, exibindo o dorso ou a cauda. Uma coisa incrível!



O Arquipélago dos Abrolhos é um paraíso de águas incrivelmente claras e beleza selvagem. Entre os passeios feitos por aqui está a visita à ilha Siriba, do Ibama, que tem como destaque a observação dos atobás brancos, endêmicos de Abrolhos, Noronha e Atol das Rocas. Os outros locais são o “Ponto Fixo”, no lado mais alto da ilha de Sta. Bárbara (destaque para a vista de 360 graus de pura beleza!) e o farol da mesma, construído em 1861, durante o governo de Dom Pedro II !

Porém, o forte daqui são os mergulhos. Em quinze minutos de mergulho vi, pelo menos, uns vinte budiões azuis, de uns cinco quilos cada, dois badejos de três ou quatro quilos, dezenas de cirurgiões azuis, dois peixes-frade, um peroá marrom, uma raia manteiga e uma tartaruga!

Bem ao estilo do Costa Leste, foi organizado um animadíssimo churrasco na base da Marinha, na ilha de Sta. Bárbara. Depois de quatro dias de curtidão, saímos desse paraíso que é Abrolhos, com a leve impressão de que ficamos pouco tempo.

Porto Seguro – Aqui Nasceu o Brasil

Depois de doze horas de travessia e, pelo menos, uns cinco avistamentos de baleia, chegamos em Porto Seguro, nossa primeira parada na costa da Bahia. A barra é um tanto complicada, então chamamos um prático que nos deixou direto na marina.

A nova marina de Porto Seguro é muito boa e pode se contar com a estrutura do hotel, anexo a ela. No total, conta com banheiros, piscina, píeres flutuantes com água e luz e, fazendo um

cartão de consumo na secretaria do hotel, também um café da manhã de primeira categoria. O nome é Hotel Marina Quinta do Porto.

Quanto ao lugar, Porto Seguro é um paraíso e, junto com Arraial D’Ajuda e Trancoso, conta com belíssimas praias e muita história. O Centro Histórico de Porto Seguro é “nota 10” e conta com um excelente museu e uma vista linda. Já a “Passarela do Álcool”, como o próprio nome sugere, é onde rola o agito, na beira do mar e cheia de restaurantes, lojas e bares. Infelizmente, passamos só dois dias no lugar e partimos direto para Ilhéus.



Ilhéus – Muito Cacau e Jorge Amado

Será que a gente não vai parar quieto nunca? Mal chegamos em Ilhéus e já ficamos sabendo que vamos sair de madrugada para Camamu! Bem, sendo assim, o jeito é aproveitar o que dá. Fomos ao bar Vesúvio, ao Bataclan e a tantos outros lugares descritos por Jorge Amado em seus livros. O Vesúvio conta com uma cozinha de primeira e lá encontramos o “seu Jorge” sentado, pensativo, nem respondeu aos nossos cumprimentos (era só uma estátua!).

O Bataclan, ex-cabaré de Ilhéus, é uma casa de cultura onde se conhece mais sobre o ciclo do Cacau. Bom, a cidade inteira é um museu em movimento e foi uma pena não podermos ficar mais.

Às cinco da manhã, o Redboy zarpou novamente, em direção à Baía de Camamu.



Camamu – O Paraíso Esquecido

É engraçado: quando ouço algumas pessoas falarem sobre lugares paradisíacos, invariavelmente citam a Polinésia, o Caribe e, por vezes, o Mediterrâneo, porém nunca se fala em Camamu. A baía de Camamu é a terceira maior baía e o segundo maior manguezal do Brasil e é um lugar esquecido pelo mundo. É uma área absurda coberta de rios, mangues, praias e cachoeiras, quase tudo praticamente deserto! A cultura baiana se manifesta em todo lugar, com canoas a vela e escunas singrando as águas tranqüilas dos rios, cidadezinhas pacatas e tranqüilas e a receptividade da gente dessa terra maravilhosa!

Dos vários passeios que dá para se fazer aqui, são especiais a ida à cachoeira do Tremembé (na qual dá para se lavar a proa do barco!), a ilha da Pedra Furada e os passeios até Cajaíba e Barra Grande. Também não dá para deixar de fora a ilha de Goiό e o vilarejo de Sapinho, onde há o excelente restaurante São Jorge.



Resumindo: é muita coisa boa para ser feita em pouco tempo! E olha que nós ficamos cinco dias lá! Fizemos vários passeios com o pessoal do Tuareg, um 42 pés de aço, super forte e com calado minúsculo! Foi difícil sair de Camamu, tanto por causa do aperto no coração, quanto pela previsão de tempo, que não era lá das melhores.

Mas, no fim das contas, deu tudo certo e chegamos em Salvador sem problemas.

Salvador – Fim de Festa (e que Festa!)

Finalmente, chegamos ao destino do Cruzeiro Costa Leste 2008!

Como sempre a capital baiana nos recebeu de braços abertos, com direito a baiana de acarajé, presentes e, é claro, muito calor humano dos amigos e velejadores!

Eu e o pai reencontramos grandes amigos daqui, como a família Hagge, o Edécio do Tiki e a Patrícia. A festa de encerramento do Cruzeiro foi fenomenal, com show de capoeira como eu nunca vi igual e muito bate papo.



Houve também uma entrega especial de prêmios, a qual tomarei a liberdade de transcrever aqui, que foi um sarro, com “S” maiúsculo! Segue a lista dos premiados:

- Prêmio Galvão Bueno de Comunicação: Dona Rô, do veleiro (também) Dona Rô!
- Prêmio Paciência de Jó (ou Saco de Ouro): Zé Ricardo, do veleiro Toriba!
- Prêmio Madre Tereza de Calcutá: Zanellinha, do veleiro Guga Buy!

O último dia que ficamos em Salvador foi em companhia dos amigos Carlão e Sandra, do veleiro Fandango II. Eles foram super-gentis, prestativos, receptivos, enfim, “nota 10”!

No dia 22 de agosto, o Carlão nos levou no aeroporto de Salvador e nos “zarpamos” de volta para São Paulo. Agora estou na minha casa em Ilhabela.

Dentro em breve estarei com meu pai e minha irmã Carol, indo para Recife correr a Refeno. Se há uma coisa que posso falar sobre esse mês e pouco de Cruzeiro Costa Leste, é que foi muito melhor do que todo um ano comum. Muito mais intenso, mais divertido, mais “tudo”! Foi um mês maravilhoso, junto com amigos maravilhosos, em lugares maravilhosos. E eu agradeço imensamente a todos que tornaram isso possível e torço para que haja muitos meses (e Cruzeiros) como esse pela frente.

Por fim, desejo a todos bons ventos e mares tranqüilos!

Fotos: Mario Ramos, Sérgio A. Gomes e Marcio Andrade.

Texto e edição: Jonas M.Gomes